

## Secção 15

**Wandelprozesse im heutigen Portugiesischen | Tendências de mudança no português atual**

Leitung | Coordenação: Malte Rosemeyer, Albert Wall

**Mittwoch | quarta-feira – 15/09**

14:00 – 18:00	Einschreibung für Präsenzteilnehmer:innen   Inscrição para participantes presenciais
15:00 – 16:30	Treffen der Sektionsleiter:innen   Reunião dos Coordenadores de Secção
16:30 – 17:00	Kaffeepause   Intervalo para café
18:00 – 20:00	Eröffnungszeremonie   Cerimónia de Inauguração Eröffnungsvortrag Prof. Dr. Johannes Kabatek (Zürich) Palestra de Abertura Prof. Dr. Johannes Kabatek (Zurique)
20:00	Umtrunk mit Häppchen   Beberete com canapés

**Donnerstag | quinta-feira – 16/09****SALA | RAUM: Haus 3 – SR127 (SR)**

08:00 – 09:00	Einschreibung für Präsenzteilnehmer:innen   Inscrição para participantes presenciais		
10:00 – 10:30	Malte Rosemeyer, Albert Wall	presencial	<b>Introdução à secção</b>
10:30 – 11:15	Perpétua Gonçalves	online	<b>Predições sobre processos de mudança em variedades africanas do Português</b>
11:15 – 11:45	Kaffeepause   Intervalo para café		
11:45 – 13:15	Plenarvortrag Literaturwissenschaft   Sessão Plenária de Literatura		
13:15 – 14:30	Mittagspause   Intervalo para almoço		
14:30 – 15:00	Gredson dos Santos	online	<b>Passado, presente e futuro em foco: o método do tempo aparente e o exame da variação de consoantes em coda silábica no português afro-brasileiro</b>
15:00 – 15:30	Elisa Battisti	online	<b>Variação e mudança fônica em progresso no português brasileiro de contato com línguas de imigração italianas</b>
15:30 – 16:00	Conceição Cunha	online	<b>Vogais em duas variedades do português: variabilidade actual e perspectiva histórica</b>
16:00 – 16:30	Kaffeepause   Intervalo para café		
16:30 – 17:00	Fernando Brissos	online	<b>História do futuro dos dialetos portugueses</b>

17:00 – 17:30	Yoselin Henriques Pestana	online	<b>“E era assim que a gente se vivia”: A possível emergência de um novo marcador de 1ª pessoa plural em variedades rurais do português madeirense</b>
17:30 – 18:00	Pekka Posio	online	<b>Os sintagmas nominais a pessoa e uma pessoa no português europeu: um caso de gramaticalização de construções impessoais com referência humana?</b>
19:00	Lesung   Sessão de Leitura		

**Freitag | sexta-feira – 17/09 SALA | RAUM: Haus 3 – SR127 (SR)**

08:00 – 09:00	Einschreibung für Präsenzteilnehmer:innen   Inscrição para participantes presenciais		
11:15 – 13:15	Mittagspause   Intervalo para almoço		
13:15 – 14:15	Plenarvortrag Sprachwissenschaft   Sessão Plenária de Linguística		
14:15 – 14:30	Pause   Intervalo		
14:30 – 15:00	Augusto Soares da Silva, Susana Afonso	online	<b>As construções emergentes de se nulo no português brasileiro</b>
15:00 – 15:30	Cristina Figueiredo, Lílian Teixeira de Sousa, Amanda Quiroga Leão	online	<b>O objeto direto anafórico no português brasileiro</b>
15:30 – 16:00	Célia Lopes, Caroline da Silva Henriquez	online	<b>A percepção da variação tratamental entre falantes brasileiros e portugueses</b>
16:00 – 16:30	Kaffeepause   Intervalo para café		
16:30 – 17:00	Chad Howe, Camila Lívio	online	<b>A intensificação no português mundial: uma olhada bem variada</b>
17:00 – 17:45	Juanito Avelar	online	<b>Construções possessivas e existenciais com TER e ESTAR COM no português brasileiro</b>
19:00	Freier Abend - Abendessen der Sektionen   Noite livre - Jantar das Secções		

**Samstag | sábado – 18/09 SALA | RAUM: Haus 3 – SR224 (Hyb.)**

09:45 – 10:15	Lukas Müller	presencial	<b>O pretérito perfeito composto: emergência de uma leitura habitual no modo argumentativo?</b>
10:15 – 10:45	Telmo Mória	presencial	<b>Uso de conectores temporais em constituintes relativos – variação e mudança linguística</b>
<del>10:45 – 11:15</del>	<del>Martin Becker</del> (cancelado)	<del>online</del>	<del>Dinâmicas de diferenciação nas subordinadas em contextos doxásticos</del>
11:15 – 11:45	Kaffeepause   Intervalo para café		
11:45 – 12:15	Mario Ruiz Moreno	online	<b>Variação na expressão das orações condicionais contrafactuais com se no português brasileiro</b>

12.15 – 12:45	Sanderléia Longhin	online	<b>Ciclicidade onomasiológica na expressão de relações concessivas</b>
12:45 – 13:15	Malte Rosemeyer, Albert Wall	presencial	<b>Discussão final</b>
13:15 – 14:30	Mittagspause   Intervalo para almoço		
14:30 – 17:00	Mitgliederversammlung des DLV Assembleia Geral dos membros da Associação Alemã de Lusitanistas		
19:00	Konferenzdinner   Jantar de Encerramento		

## Abstracts | Resumos – Sektion | Secção 15

Juanito Ornelas de AVELAR (Universidade Estadual de Campinas)

### Construções possessivas e existenciais com TER e ESTAR COM no português brasileiro

Nesta comunicação, analiso sentenças com o verbo *ter* e a locução *estar com* no português brasileiro, com o objetivo de mostrar que as construções existenciais com esses dois itens (cf. 1-2) exibem as mesmas propriedades sintáticas e semântico-discursivas da sua versão possessiva (cf. 3-4). A amostra utilizada é composta de sentenças com *estar com* extraídas de blogs brasileiros (cerca de 200 sentenças) e dados apresentados previamente em outros trabalhos sobre construções possessivas e existenciais com *ter* (Avelar 2018, Marins 2013, Duarte 2003). O estudo é de base qualitativa e adota, como pano de fundo teórico, o arcabouço da Teoria de Princípios e Parâmetros.

- (1) a. *Tem* engarrafamento no centro da cidade.  
b. *Tá com* engarrafamento no centro da cidade.
- (2) a. O centro da cidade *tem* engarrafamento.  
b. O centro da cidade *tá com* engarrafamento.

Os dados evidenciam que as sentenças possessivas com *ter* são geralmente interpretadas como uma expressão de posse permanente ou estável, enquanto aquelas com *estar com* servem à expressão de transitoriedade ou estado recente. As construções existenciais com os dois itens mostram o mesmo contraste: os casos com *ter* são normalmente interpretados como indicativo de um estado mais permanente ou estável, enquanto aqueles com *estar com* sugerem uma situação transitória ou de instauração recente.

Esses paralelos entre sentenças possessivas e existenciais indicam que a estrutura subjacente aos dois tipos de construção é a mesma, com a diferença recaindo na especificidade categorial do constituinte que ocupa a posição de sujeito: para a estrutura receber a interpretação possessiva, esse constituinte deve ser necessariamente um sintagma nominal; em contraste, para produzir a leitura existencial, a posição de sujeito deve ser ocupada por um sintagma preposicionado ou adverbial locativo, ou ainda por um expletivo nulo.

Também chamo a atenção para o fato de que, no português europeu, a interpretação existencial de *ter* e *estar com* não é usual, o que se deve à necessidade de esses itens só poderem ocorrer, na variedade europeia, com um sintagma nominal em posição de sujeito, resultando obrigatoriamente na interpretação possessiva. O verbo existencial canônico no português europeu é *haver*, que se encontra em franco desuso no Brasil. O estudo conclui que os contrastes relevantes entre as variedades brasileira e europeia se devem às conhecidas mudanças relacionadas ao parâmetro *pro-drop* (Duarte 1995), responsáveis por afetar as condições de licenciamento de sujeitos nulos no português brasileiro.

Elisa BATTISTI (Universidade Federal do Rio Grande do Sul/CNPq)

### Variação e mudança fônica em progresso no português brasileiro de contato com línguas de imigração italianas

O estudo trata da variação e mudança fônica em progresso no português brasileiro (PB) de contato com línguas de imigração italianas. Investiga a palatalização de /t, d/ antes de vogal anterior alta ([t]ijolo~[tʃ]ijolo, [d]inheiro~[dʒ]inheiro, gen[te]~gen[tʃi], onde~on[dʒi]) e a vocalização de /l/ em coda silábica (almoço~a[w]moço, futebol~futebo[w]). Esses processos, avançados em muitas variedades de PB, parecem estar progredindo também no PB da antiga região colonial italiana do Rio Grande do Sul. A comunidade de fala pesquisada é o pequeno município de Flores da Cunha. Os objetivos do estudo são (a) captar o padrão de variação, para comprovar a progressão da palatalização e da vocalização, (b) testar as hipóteses de mudança geracional (Labov 1994) e assimetria da transmissão linguística (Labov 2010) no padrão atestado. Usam-se dados de dois corpora: VARSUL (PUCRS, UFRGS, UFSC, UFPR), coletados em 1990, e BDSer (UCS), coletados em 2008-2009. Realizam-se análises estatísticas de regressão logística com R (Venables; Smith; the R Core Team, 2021) na análise em tempo real, estudo de tendência (Labov 1994), e na análise da aplicação dos processos em função da idade de estabilização

do sistema fonológico (tomando-se 15 anos como idade de estabilização) com estratificação por gênero. As análises estatísticas confirmam a progressão da palatalização e da vocalização na comunidade em vinte anos. Revelam correlação dos processos com gênero. Confirmam tanto mudança geracional e mudança comum quanto assimetria da transmissão linguística. O estudo interpreta o incremento na proporção total de aplicação dos processos e a diferenciação por gênero como associados à urbanização da comunidade.

~~Martin BECKER (Universidade de Colônia) (cancelado)~~

### ~~Dinâmicas de diferenciação nas subordinadas em contextos doxásticos~~

Em nosso estudo queremos comparar os padrões de sub-categorização em contextos de verbos de crença (ou seja, doxásticos) em português brasileiro e europeio. Examinaremos tanto as orações subordinadas finitas nos quais os falantes selecionam determinadas categorias verbais quanto as estruturas não finitas, especialmente aquelas caracterizadas pelas marcas de pessoa (infinitivo flexivo). Pretendemos estudar a seleção das estruturas de subordinação e particularmente das categorias verbais (finitas e não finitas com marca de pessoa) desde uma perspectiva qualitativa para identificar e salientar os princípios subjacentes. Complementamos a nossa pesquisa com um estudo quantitativo que lançará nova luz sobre as distribuições das diferentes estruturas e categoriais nas duas macro-variedades do português. Desta forma, objetivamos evidenciar dinâmicas de convergência e, sobretudo, de diferenciação entre as duas variantes principais do português que caracterizam as evoluções em andamento no período contemporâneo.

Fernando BRISSOS (Universidade de Lisboa)

### História do futuro dos dialetos portugueses

É legítimo supor que o sistema dialetal do português europeu continental não deixe de acompanhar a profunda alteração da textura demográfica e socioeconómica que o país tem atravessado nas últimas décadas e esteja presentemente a sofrer um *shift* na sua estrutura territorial. Tratar-se-ia de uma evolução do paradigma original, apoiado em eixos geográficos horizontais (norte/centro/sul), para uma segmentação num eixo vertical que opõe o litoral (as cidades) ao interior (a ruralidade desertificada) (Castro, 2019 [2016]; Brissos, 2016). Nesta comunicação, apoiados numa metodologia dialetométrica (Goebel, 2016; Brissos, 2021), testamos essa hipótese nos dados recolhidos em Portugal para o Atlas Linguarum Europae (ALE) (Carrilho, coord., 2019). A análise incidirá na totalidade dos dados fonológicos e lexicais do *corpus* e será o primeiro estudo quantitativo/dialetométrico de todo o conjunto dos dialetos portugueses continentais. Os dados foram recolhidos em 1975, o que nos coloca em pleno período de transição do Portugal antigo para o Portugal atual e, por isso, nos permite simultaneamente averiguar o nível de consolidação do posicionamento geográfico de cada dialeto. Paralelamente, compararemos os resultados obtidos com indicadores económicos das várias regiões do país, partindo da noção de que a história das línguas, seja do passado ou do futuro, se constrói com base na história das pessoas que as falam e que as escolhem e modificam de acordo com um propósito prático muito bem definido: a interação em sociedade. Interação que é diretamente dependente, em boa parte, de motivações económicas, as quais se tornam então fundamentais para a ciência história das línguas.

Conceição CUNHA (LMU München)

### Vogais em duas variedades do Português: variabilidade actual e perspectiva histórica

Esta apresentação será uma coletânea de estudos empíricos desenvolvidos nos últimos anos que terá dois objetivos, por um lado, descrever a variabilidade atual na realização do sistema vocálico (oral e nasal, tónico e átono) encontrada em duas variedades pontuais do Português e, por outro lado, relacionar a variabilidade encontrada com o desenvolvimento histórico destas variedades e com a mudança linguística afetando tanto vogais como nasalidade.

As vogais tónicas do Português mantiveram-se em número e qualidade desde o Latim Vulgar [i, e, ε, a, o, u] (Castro, 2016:145-147), sendo porém acusticamente mais longas e periféricas na variedade do Português do Brasil (PB) do que no Português Europeu (PE, Escudero et al., 2009, Cunha, 2021). As vogais átonas sofreram, no entanto, um processo de elevação e centralização no Português Europeu, que deu origem às seguintes vogais [i, ī, u, e] seguido de um processo de redução vocálica (Mateus e d'Andrade,

2000, Vigário 2003, Cunha, 2011). No PB, alguma centralização levou ao seguinte inventário em posição átona [ɪ, ʊ, ɛ, e] (Barbosa e Albano (2004)). Ambas as variedades contam ainda cinco vogais nasais ([ĩ, õ, ẽ, õ, ẽ/ã]), realizadas tanto em posição tónica como átona. A discordância relativamente a estas vogais está relacionada com o seu estatuto (fonético ou fonológico).

Neste contexto, o primeiro estudo acústico apresenta o espaço vocálico obtido da realização de todas as vogais num ambiente controlado por falantes da região central de Portugal e de São Paulo no Brasil. Um segundo estudo com dados de ressonância magnética mostra a coordenação do velo e da língua na produção de vogais nasais (como em *canto*) e nasalizadas (como em *caneta*), mostrando assim a relação entre a articulação e a acústica para vários falantes de ambas as variedades.

Modelos fonéticos para a mudança linguística, situam a origem de alguns processos de mudança no processamento humano da língua falada que envolve tanto o lado da produção como da percepção da língua (Beddor, 2015; Harrington, 2014; Ohala, 1993). Numa tentativa de entender a mudança linguística que se cristaliza comumente de um contexto com pelo menos duas ou mais variantes orais, e partindo do princípio que se obtém um entendimento mais profundo da mudança linguística, quando se consegue replicar em laboratório, condições similares às que desencadearam essa mudança (Ohala, 1993, Harrington, 2014), iremos apresentar uma série de pequenos experimentos que visam exatamente replicar em contexto laboratorial controlado alguns processos de mudança descritos para as vogais nas mesmas variedades do Português.

Cristina FIGUEIREDO (UFBA), Lílian Teixeira de SOUSA (UFBA), Amanda Quiroga LEÃO (UFBA)

### **O Objeto Direto Anafórico no Português Brasileiro**

Uma das características do Português Brasileiro (PB) é a presença de pronomes plenos como retomada de um DP na posição de objeto direto, um fenómeno conhecido como objeto direto anafórico (ODA). Omena (1978), Duarte (1986), Figueiredo (2004), Macedo-Costa (2012), por exemplo, debruçam-se sobre o estudo das 04 possibilidades de retomada, clítico acusativo (CL), objeto nulo (ON); repetição do DP ou retomada por um DP anafórico (DP) e pronome pleno (PP) e observam que o objeto nulo é a forma mais frequente, comportamento oposto ao dos clíticos, que caíram em desuso. Já em relação à variação entre ON ou PP, a maioria dos autores reconhecem os traços de animacidade e especificidade como fundamentais para a presença dos pronomes plenos. Cyrino (2017), por exemplo, propõe que a variação entre forma nula e pronome pleno na função de objeto no PB poderia estar relacionada ao fenómeno conhecido como *Differential Object Marking* (DOM). Para a autora, objetos diretos no PB podem ser marcados diferencialmente devido ao traço [+animado] que os pronomes plenos apresentam.

Creus e Menuzzi (2004) também analisam o papel dos traços [+animado] e [+específico] na escolha entre objetos nulos e pronomes plenos no PB. Para esses autores, no entanto, a relevância do traço de animacidade está relacionada ao fato de os referentes apresentarem distinção de gênero semântico (GS) e seria essa propriedade dos referentes que estaria na base da escolha da estratégia de retomada, reduzindo a escolha do ON/PP a uma oposição única, a saber a presença de gênero semântico no antecedente. Especificamente, a correlação que os autores estabelecem é que se o antecedente animado não possui gênero semântico, (um paciente, por exemplo, com leitura genérica), o objeto nulo é usado; caso contrário, se o antecedente possui gênero semântico (um menino, por exemplo, com leitura genérica), então, o pronome pleno é o usado. (CREUS; MENUZZI, 2004, p. 160-162).

Neste trabalho, buscamos testar as hipóteses sobre a variação entre PP e ON apresentadas acima num corpus do português popular da cidade de Salvador/BA. Para tanto, avaliamos as ocorrências do objeto direto anafórico a partir da presença dos traços de animacidade, especificidade e gênero semântico do antecedente. Ao computar os dados observamos que a distribuição de ON e sintagmas nominais em relação às variáveis era bastante semelhante, enquanto os pronomes plenos apresentavam comportamento oposto. Buscamos, então, a partir de regressão logística, verificar o grau de significância das variáveis em relação às variáveis dependentes ON e PP, os resultados indicaram que todas as variáveis observadas são relevantes, tendo o Gênero Semântico apresentado o maior grau de significância (.81).

Perpétua GONÇALVES (EMU Maputo)

### **Predições sobre processos de mudança em variedades africanas do Português**

Nesta comunicação, apresentam-se fatores sociopolíticos e sociolinguísticos que limitam o alcance de predições sobre processos de mudança em variedades africanas do Português (VAP), e que parecem mostrar não estarem ainda reunidas condições para que este exercício de extrapolação conduza a resultados válidos e fiáveis.

De uma forma muito geral, pode dizer-se que as VAP estão ainda em fase de construção. Devido a um amplo conjunto de fatores “ecológicos” (formação recente das comunidades de falantes de Português; dinâmica da expansão da rede escolar; intensificação da urbanização; etc.), a sua formação teve início, *de facto*, há pouco mais de 40 anos, a partir da independência dos vários países africanos, em 1975. O corolário desta situação é que a pesquisa sobre as VAP tem também uma história recente, podendo dizer-se que, verdadeiramente, só começou no século XXI. Por essa razão, muitos fenómenos específicos das VAP ou não foram ainda identificados e descritos, ou foram analisados num número reduzido de estudos, o que pode fragilizar eventuais predições sobre a sua evolução.

No plano sociolinguístico, é necessário tomar em consideração que, de um modo geral, os falantes das VAP estão expostos a um *input* caracterizado por uma variação mais extensa do que a que se encontra em sociedades monolíngues, constituído por um *continuum* de variedades que inclui desde amostras do Português europeu (PE) padrão até subvariedades locais. Como corolário desta situação, nas suas produções linguísticas, há frequentemente alternância entre formas e estruturas do PE padrão e de subvariedades locais. Torna-se, assim, difícil estabelecer as propriedades gramaticais partilhadas, de forma estável, pelas comunidades dos falantes de cada uma das VAP, e prever quais as que serão conservadas no futuro.

Face à instabilidade dos processos de mudança que atingem as VAP e, não menos importante, face aos limites do atual conhecimento sobre esses processos, parece aconselhável que, antes de avançar para predições sobre a sua evolução, se desenvolva pesquisa sobre áreas (quase) inexploradas, e se verifique até que ponto as novas propriedades e regras já identificadas são representativas de alguma subvariedade local.

Nesta comunicação, fornecem-se informações factuais e dados empíricos que ilustram e/ou suportam os vários argumentos apresentados.

Yoselin HENRIQUES (Universität Zürich)

### **“E era assim que a gente se vivia”: A possível emergência de um novo marcador de 1ª pessoa plural em variedades rurais do português madeirense**

A expressão da primeira pessoa do plural (doravante 1PL) em português tem sido reiteradamente abordada em estudos sincrónicos e diacrónicos sobre a variação linguística. A forma a gente coexiste com o pronome canónico 1PL do português europeu (PE) nós, muitas vezes associado a dialectos do sul ou a variedades do português brasileiro (PB).

A variedade em foco, contudo, manifesta para além das expressões pronominais de 1PL conhecidas – “nós” e “a gente” – uma construção híbrida. Esta estrutura, ilustrada no exemplo (2) caracteriza-se pela coocorrência do pronome pessoal “a gente” e o clítico “se” e constituem um fenómeno detalhadamente descrito por Martins (2003; 2005; 2009). Utilizando amostras faladas de variedades portuguesas europeias, a autora fornece uma descrição detalhada das propriedades sintáticas do que ela chama “construções impessoais de duplo sujeito”, cuja frequência de uso seria mais significativa em variedades madeirenses. De acordo com esta proposta, o pronome a gente nestas construções restringe o alcance referencial do marcador impessoal se, desencadeando uma interpretação inclusiva com respeito ao falante.

(1) Havia um arrail ali; a gente chama-se “Maio”.

O nosso corpus, no entanto, apresenta ocorrências da construção em questão que superam uma leitura genérica ou impessoal. Como se ilustra no exemplo (2), a combinação dos dois elementos pode também ter uma referência deicta (aos participantes do evento da fala).

(2) Vamos à minha casa para a gente se almoçar.

O objectivo desta apresentação é duplo. Em primeiro lugar, pretendemos oferecer uma descrição destas construções inovadoras. Em segundo lugar, se apresentarão as propriedades morfossintáticas desta construção ‘híbrida’ propondo que nela o marcador de impessoalidade se assume uma nova função de marcador pessoal de 1PL. O estudo baseia-se em dados de entrevistas semi-dirigidas e conversas livres

com falantes idosos do português rural madeirense. Utilizar-se-á uma metodologia variacionista quantitativa para fornecer uma descrição do vasto do espectro referencial destas construções, desde a referência indefinida até à deicta. Com base nas distintas leituras possíveis, proporemos que o marcador impessoal 'se' nestes contextos está a ser reanalisado como um marcador de pessoa 1PL, dada a ambiguidade dos padrões de acordo verbal em terceira pessoa singular, predominante com a forma inovadora a gente. Para apoiar esta hipótese, considero também uma série de factores sintácticos como a co-referencialidade e a concordância verbal.

Chad HOWE (University of Georgia), Camila LÍVIO (University of Georgia)

### **A intensificação no português mundial: uma olhada bem variada**

O uso de intensificadores é um tema que tem recebido considerável atenção, especialmente na última década, com foco em sua variabilidade e significado. Muitos trabalhos se dedicaram a discutir a distribuição sociolinguística de tais elementos, sobretudo em inglês (Ito e Tagliamonte 2003, Tagliamonte 2008) e em espanhol (Brown e Cortés-Torres 2013; Kanwit et al. 2017). O presente trabalho propõe expandir sobre o uso e comportamento de intensificadores canônicos como *muito* e *bem*, explorando sua dicotomia, comparativamente, em variedades africanas do português.

Estudos prévios sobre elementos similares no espanhol (*muy/mucho* e *bien*) mostram que a variação entre estas formas não é livre, mas sim suscetível a diversos fatores, internos e externos. Valendo-nos de uma metodologia pautada nas Humanidades Digitais, demonstraremos que esses intensificadores exibem uma gama de nuances dialetais em comparação ao seus correspondentes em espanhol. Nossos dados provêm do Corpus de Referência do Português Contemporâneo (CRPC), Spoken Portuguese Corpus (SPC), e dados da língua utilizada na internet (i.e. redes sociais).

Sanderléia Roberta LONGHIN (UNESP)

### **Ciclicidade onomasiológica na expressão de relações concessivas**

Este trabalho explora a natureza cíclica de desenvolvimentos semântico-pragmáticos. Ciclos de renovação linguística foram reconhecidos há tempos na formação de palavras gramaticais (Meillet, 1912) e pesquisas recentes indicam a existência de ciclos onomasiológicos nos níveis da semântica e da pragmática (Ghezzi; Molinelli, 2014; Hansen 2018). Segundo Hansen (2018), ciclos onomasiológicos consistem em evoluções nas quais um determinado significado é renovado, de modo recorrente, em uma ou mais línguas geneticamente relacionadas, a partir de formas que, embora etimologicamente distintas, envolvem significados fonte similares.

Para discussão, elejo instâncias de mudança no sistema de junção concessiva do português clássico e moderno, que têm origem em partículas avaliativas e escalares. Filio-me a um quadro teórico baseado no caráter fundante dos mecanismos cognitivos e pragmáticos e no impacto dos contextos de uso (Traugott e Dasher, 2002; Bybee, 2010). Como recurso metodológico, adoto um modelo que conjuga estágios múltiplos de mudança a uma tipologia de contextos, em perspectiva longitudinal.

Os resultados evidenciam que mecanismos de produção de juntores concessivos, em ação nos diferentes estados do português, remontam tendências subjacentes à formação de juntores concessivos latinos, que eram categorias derivadas (Spevak, 2005). Tais tendências sugerem a existência de uma ciclicidade nos desenvolvimentos diacrônicos rumo a tipos específicos de concessão, em que significados fonte similares, mas etimologicamente não relacionados, se prestam a tipos similares de inferências contextuais. Evidências em favor da ciclicidade onomasiológica permitem predizer potenciais mudanças e, sobretudo, reforçar a relevância do Princípio do Uniformitarismo para o domínio das mudanças de significado.

Célia Regina dos Santos LOPES (UFRJ/CAPES/CNPq), Caroline da Silva Henriquez (UFRJ)

### **A percepção da variação tratamental entre falantes brasileiros e portugueses**

O intuito do trabalho é analisar a aceitabilidade das formas de tratamento (*tu*, *você* e *verbo na 3ª pessoa*) no português brasileiro (PB), comparando com resultados obtidos para o português europeu (PE) (cf. LOPES e MOTA, 2019). A hipótese é a de que existe uma diferença quanto à aceitabilidade dessas formas nos dois territórios. No PE, diferentemente do que ocorre no PB, o tratamento *você* (*você sabe que eu gosto dele*) teria um valor negativo que não corresponderia ao julgamento recebido pela forma verbal

de 3ª sem a explicitação do sujeito (*\_sabe que eu gosto dele*). O pronome *tu* (*tu sabes...*) ou o verbo na 2SG (*sabes...*) seriam mais bem avaliados no PE do que no PB que raramente apresenta a desinência de segunda pessoa (*tu sabe...*). Para detectar as diferenças dos sistemas de tratamento do PB e do PE, realizamos um experimento nos mesmos moldes do teste aplicado em Lisboa por Lopes e Mota (2019). A tarefa experimental visava observar a reação positiva e/ou negativa de portugueses e de brasileiros diante das mesmas formas tratamentais em diferentes situações interativas simétricas e assimétricas (cf. BRAVO E BRIZ, 2004). Os participantes deveriam avaliar 30 fragmentos de cena, julgando a legenda da última cena com notas de 1 a 5 de acordo com o que consideravam mais adequado e aceitável em sua variedade. A análise do teste levou em conta os postulados teóricos da Sociolinguística laboviana e da Sociopragmática Sociocultural (BRAVO E BRIZ, 2004). Em linhas gerais, os resultados do primeiro experimento confirmaram que há forte diferença de aceitabilidade de *você* e *tu* no PB, como defendiam Lopes e Mota (2019) no experimento realizado em Portugal. No PB, *você* recebeu avaliação mais positiva tanto nas relações simétricas quanto assimétricas, diferentemente do que foi observado por Lopes e Mota (2019) para o PE, em que o pronome *você* recebeu uma avaliação neutra nos dois tipos de relação. No PB, a forma *tu* recebeu avaliação neutra nos dois tipos de relação. Tal avaliação pode ter sofrido influência da modalidade escrita (legenda) e/ou pela presença da desinência verbal de 2ª pessoa pouco usual no PB. A aceitabilidade de *tu* não foi maior em contextos sem verbo como postulamos inicialmente.

Telmo MÓIA (Universidade de Lisboa)

### ***Uso de conectores temporais em constituintes relativos – variação e mudança linguística***

Nesta comunicação, serão analisadas algumas construções em que se verifica acentuada variação linguística – e possíveis processos de mudança em curso – no português contemporâneo, com foco na variedade padrão europeia, tal como documentada (principalmente) em texto jornalístico. As construções que serão objeto de escrutínio central envolvem a preservação ou queda de preposições e operadores afins em orações relativas que expressam valores temporais (ainda que outros valores tipicamente veiculados por meios adjuntos, i.e. não argumentais, como valores espaciais ou outros, possam ser marginalmente considerados).

A tendência para omitir preposições em constituintes relativos é um fenómeno muito documentado e analisado na literatura, onde se tem generalizado a designação (a meu ver infeliz) de “relativas cortadoras”. Além de gramáticas de referência e do trabalho pioneiro de Tarallo (1983), numerosos artigos e dissertações relativamente recentes exploram diferentes aspetos (incluindo históricos, dialetológicos e sociolinguísticos) do fenómeno, com destaque para o português brasileiro. Peres e Mória (1995: 291-300) dedicam uma secção a esta tendência na variedade padrão do português europeu (considerando essencialmente texto jornalístico). Castilho (2010: 367-368) observa, interessantemente, que “a [oração] adjetiva cortadora (...) já ocorre no PB escrito veicular” (cf. exemplo da Folha de São Paulo, com constituinte relativo de valor locativo espacial: *não há uma área em São Paulo que a polícia não entre*) e ainda que, como outros notaram, “exemplo de cortadoras ocorrem (...) entre os clássicos portugueses”, indiciando uma potencial “tolerância” da queda da preposição (pelo menos em certos contextos) na variedade padrão.

É importante sublinhar que a omissão de preposições parece não ter igual expressão em todos os contextos gramaticais: em constituintes relativos não argumentais de valor temporal parece haver menor resistência à omissão da preposição do que em constituintes argumentais, pelo menos em PE – cf. *qual é o dia que trabalhas mais horas?* vs. *??qual é ajuda que posso contar?* Neves (1999: 382-383) nota que “em estruturas adverbiais locativas (espaciais ou temporais) que contêm pronomes relativos, ocorrem, normalmente, duas preposições locativas [e.g. *na rua em que trabalha*] (...) [e] nesses casos (...) é freqüente a omissão de preposição antes do pronome (...)”. Como veremos, a omissão em causa tem forte expressão igualmente nos casos em que não há preposição antes do antecedente.

Tirando partido da profusão de *corpora* disponíveis *online*, de diferentes tipos (jornalístico, literário de várias épocas, oral informal) e de diferentes variedades (PE, PB), é meu objetivo documentar mais detalhadamente o fenómeno em causa, com exploração de particularidades sintáticas e – sobretudo – semânticas (as quais me parecem menos exploradas na literatura). A análise focar-se-á na situação corrente na variedade padrão (escrita) do português europeu contemporâneo (por comparação com outras variedades, acessíveis em *corpora*).

Entre as particularidades sintático-semânticas mais relevantes a explorar, destacam-se o carácter restritivo ou não restritivo da oração relativa (e a presença de subtipos particulares dessas orações) e a

forma do pronome (*que, o qual*). Assim, por exemplo, há queda não infrequente da preposição temporal *em* em orações relativas com *que*, principalmente restritivas comuns – e.g. *no dia (em) que eles casaram* – ou restritivas de apostos nominais (*no dia X, dia (em) que eles casaram na igreja Y,...*), em contraste com (i) a raríssima queda dessas preposições em orações relativas apositivas com *que* (*no dia X, em que eles casaram na igreja Y,...*) ou (ii) a manutenção sistemática dessas preposições em relativas (sejam apositivas sejam restritivas) com *o qual*, seja pró-SN (*o dia no qual que eles casaram; no dia X, dia no qual eles casaram na igreja Y,...*; *no dia X, no qual eles casaram na igreja Y,...*), seja determinante seguido de estrutura nominal explícita, uma construção de uso muito limitado contemporaneamente (*no dia X, no qual dia eles casaram na igreja Y,...*).

Entre os fatores mais estritamente semânticos a explorar – potencialmente os mais originais desta apresentação – destaca-se o subdomínio de valores expresso (e.g. localização vs. duração ou frequência), já que o fenómeno não ocorre com igual expressão em todos eles. Assim, por exemplo, além do valor de localização temporal, ilustrado acima e geralmente o único destacado na literatura, considerarei com algum detalhe, pelo menos, (i) valores de duração (envolvendo as preposições *durante* ou *por* [PB], na duração atélica não ancorada, o conector *há*, na duração atélica ancorada, e o conector *em*, na duração télica – cf. e.g. Mória 2006, 2015) – cf. (sem sinalização do estatuto de gramaticalidade) *o tempo {que / durante qual} consigo sustar a respiração debaixo de água; o tempo {que / em que} consigo resolver o problema* – e (ii) valores de quantificação temporal, frequência e afins (envolvendo também a preposição *em*) – cf. *todas as vezes/tardes/missas {que / em que} o Padre leu a Bíblia em latim; as três vezes/tardes/missas por semana {que / em que} o Padre lê a Bíblia em latim*.

Mario Ruiz MORENO (Johannes-Gutenberg-Universität Mainz)

### **Variação na expressão das orações condicionais contrafactuais com *se* no português brasileiro**

Até quatro formas morfossintáticas diferentes podem aparecer na parte condicionada das orações condicionais contrafactuais. A forma canónica é a do futuro do pretérito (*Se fosse assim, seria perfeito*), mas também é possível formar este tipo de construção com o pretérito imperfeito (*Se não tivesse namorado, ela dava nele*), e tanto a forma do FP como a forma do IMP têm uma variante com o auxiliar *ir* gramaticalizado (*Se acontecesse isso comigo, eu ia surtar & se fosse você, iria surtar fácil*).

A variação deste tipo de construções há sido objeto de um número ainda limitado de pesquisas. Em todas elas se reconhece que a frequência das formas não canónicas é alta, e em alguns grupos de falantes e em determinados contextos até maioritária. As pesquisas existentes se focam na variação diafásica e diastrática, assim como nos condicionamentos linguísticos que favorecem o desfavorecem umas formas sobre as outras e tendem a assumir implicitamente que o significado da oração não muda segundo a forma usada; Freitag & Araujo (2011) até explicitam essa opinião. Dias (2007) analisou as possíveis diferenças semânticas entre estas formas e chegou à conclusão de que não tinha diferenças estatisticamente significativas; porém, algumas ressalvas metodológicas serão feitas neste trabalho. Finalmente, Silva (1998), sem se limitar aos condicionais contrafactuais, associa uma modalidade deontica ao imperfeito e uma epistêmica ao futuro do pretérito.

O objetivo deste estudo é fazer uma revisão bibliográfica dos condicionamentos linguísticos e extralinguísticos das formas concorrentes, assim como estudar o valor semântico-pragmático de cada uma das formas. Para o estudo do valor semântico-pragmático se analisaram mais de 800 construções contrafactuais extraídas de Twitter que continham um dos seguintes elementos que explicitam quão provável o falante acha que a parte condicionada se cumpriria: *talvez*, *acho que*, e *certeza*.

Os resultados mostram claramente que as formas no IMP são raras quando o grau de certeza é baixo (*talvez*), aumentam quando é intermediário (*acho que*) e atingem sua máxima ocorrência quando é máximo (*certeza*). Porém, as formas do FP foram dominantes para todos os graus de certeza. Por outra parte, as formas simples são maioritárias quando o grau de certeza é baixo, mas as perifrásticas prevalecem quando o grau é alto. Em suma, este trabalho propõe a existência de umas tendências de especialização semântico-pragmáticas para cada uma das formas que devem ser consideradas junto com a interação entre condicionamentos linguísticos e fatores diastráticos e diafásicos já observada em anteriores pesquisas.

Lukas MÜLLER (Universität Köln)

## O pretérito perfeito composto: emergência de uma leitura habitual no modo argumentativo

E consenso que o Pretérito Perfeito Composto predominantemente expressa iterações indeterminadas (Ilari 2001, Becker 2016, Olbertz 2018):

(1) *Ele nos tem visitado.* (= mais de uma vez) (Ilari 2001, 130)

No exemplo, o PPC expressa uma iteração da eventualidade *ele visitar-nos* que se desenvolve num intervalo que começa no passado e que abrange o momento de fala. Assim, gera-se a interpretação de um número indeterminado de visitas. Nesta contribuição, discutiremos a hipótese que o PPC no Português Brasileiro tem vindo a assumir um valor genérico no modo discursivo de argumentação, ou seja, uma leitura habitual, que complementa a leitura iterativa. Inspirado por Becker (2016, no prelo), e discutido em pormenor em Müller (2021), atestamos a leitura habitual em exemplos como o seguinte.

(2) *O que eu acho que o governo do presidente Lula tem feito[,] e foi feito pouco no passado[,] é um esforço de encontrar compensações adequadas para o Paraguai.*

Concebemos a leitura habitual como uma expressão de regularidades em vez de eventualidades episódicas, ou seja, de abstrações destas. Esta noção baseia-se na diferença entre fatos episódicos e regularidades genéricas discutida em Krifka et al. (1995), e ilustrada em (3).

- (3) a. *John smoked a pipe.* (predicação episódica)  
b. *John (usually) smokes a pipe.* (predicação genérica)

Desta forma, gera-se a interpretação de que as ações de Lula da Silva são concebidas como uma qualidade geral dele, em vez de atos episódicos (iterados). Porém, a leitura habitual continua ser restrita ao intervalo ligado ao PPC. Deste modo, ela preserva o valor temporal do PPC.

No que diz respeito à dimensão discursiva, a leitura habitual dispõe do potencial de tornar o PPC num dispositivo retórico, que desdobra o seu efeito no contexto, confrontando abstrações genéricas e fatos episódicos no modo argumentativo. Assim, o PPC *Lula tem feito um esforço* estabelece um contraste com o Pretérito Perfeito Simples *foi feito pouco*. Mais precisamente, o PPC contrapõe uma qualidade positiva do ex-Presidente a ações péssimas dos outros. Logo, o PPC não qualifica o ex-Presidente como tendo feito esforços episodicamente, mas genericamente. Para além das nossas considerações teóricas, baseamo-nos num *corpus* composto por transcrições de *Roda Viva*, um programa brasileiro de entrevistas e debates, e de discursos políticos de Jair Bolsonaro, Dilma Rousseff, Lula da Silva e Michel Temer. Devido ao carácter exemplar de (2) em nossos dados, surge a pergunta se a leitura habitual e a suposta especialização no modo argumentativo indicam uma tendência geral do PPC no PB. Além de apresentar mais dados, discutiremos as implicações teóricas da hipótese para o quadro da evolução do PPC no contexto das línguas românicas, como também para aspetos variacionais.

Pekka POSIO (Universidade de Helsínquia)

## Os sintagmas nominais *a pessoa* e *uma pessoa* no português europeu: um caso de gramaticalização de construções impessoais com referência humana?

A gramaticalização dos substantivos ‘homem’ ou ‘pessoa’ para expressar referência genérica ou impessoal (*human impersonality*, ver Siewierska 2011) é um fenómeno encontrado em muitas línguas não relacionadas, embora os exemplos mais conhecidos e analisados sejam os pronomes do tipo *man* das línguas germânicas. A existência deste tipo de construções tem sido relacionada com as propriedades de expressão dos sujeitos pronominais das línguas (Holmberg 2005, Siewierska 2011), sugerindo-se que não ocorrem em línguas de sujeito nulo, como o português europeu. No entanto, tanto a variedade brasileira como a europeia do português apresentam construções parecidas a pronomes do tipo *man*, como o pronome *a gente* e, como se demonstrará neste estudo, *uma pessoa* e *a pessoa*. Apesar de apresentarem vários indícios de gramaticalização em dados sincrónicos, estas construções também se encontram em dados diacrónicos a partir do século 17, e o seu uso parece ser relativamente estável. Nesta intervenção discutir-se-ão as características semânticas, pragmáticas e morfossintáticas destes sintagmas nominais num *corpus* de entrevistas sociolinguísticas recolhido no

Porto. Também se comparará o uso destas construções com outras formas com funções parecidas no português europeu, notavelmente a segunda pessoa do singular (*tu*) nos seus usos genéricos ou impessoais, e apresento dados comparativos do espanhol. Tendo em conta as diferenças e similitudes entre estas línguas, tanto no tocante à expressão da impessoalidade como à frequência dos sujeitos pronominais expressados, propor-se-á uma explicação relacionado com as características morfofossintáticas e pragmáticas do português europeu à existência das construções *coma/uma pessoa* no português.

Gredson dos SANTOS (UFBA)

### **Passado, presente e futuro em foco: o método do tempo aparente e o exame da variação de consoantes em coda silábica no português afro-brasileiro**

Propõe-se uma discussão sobre a validade do método de exame do tempo aparente para o estudo da história social linguística do português afro-brasileiro com base em fenômenos que marcam a coda silábica na fala de comunidades quilombolas baianas. O estudo da mudança linguística e a consequente compreensão das tendências de mudança de uma língua conheceu importante desenvolvimento com a proposta de análise mediante o recurso metodológico do tempo aparente, posta em Weinreich, Labov e Herzog (1968) e Labov (1972 e 1994). Essa metodologia tem sido particularmente interessante para o estudo de variedades linguísticas cuja documentação histórica é parca ou inexistente e pouco conhecidas são as principais características linguísticas que marcaram o passado de certas comunidades de fala. Tal é o caso das comunidades que falam o português afro-brasileiro (LUCCHESI, 2015), uma variedade do português popular do Brasil falada por comunidades quilombolas que ficaram relativamente isoladas até o início do século XX e foram constituídas com base no contato entre línguas africanas (mormente o quimbundo), línguas indígenas e a língua portuguesa. Na história social linguística do Brasil, a discussão sobre a pertinência ou não em torno da tese de uma hipotética criouliização do português brasileiro (GUY, 2005) passa, necessariamente pela compreensão da história de organização das comunidades quilombolas, certamente matrizes importantes do que Mattos e Silva (2004) chamou de português geral brasileiro. Baxter e Lucchesi (1997), Lucchesi (1998, 2000, 2001) e Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009) assumem que essas comunidades passaram por um processo de transmissão linguística irregular, em que falantes africanos de português L2 forneceram os dados linguísticos primários de português L1 de seus descendentes. Como consequência, processos marcantes no sistema de concordância verbal e nominal do português brasileiro seriam as marcas mais fortes dessa reestruturação decorrente do contato entre línguas. Na fonologia, certos aspectos da variação na coda silábica poderiam também ser associados a esse passado (SANTOS, 2012). Entretanto, em virtude da escassa documentação acerca da constituição dessas comunidades e da inexistência de registros do português falado pelos antepassados dos falantes contemporâneos do português afro-brasileiro, o estudo em tempo aparente tem mostrado evidências de quadros radicais no passado de reestruturação da coda silábica. A argumentação será desenvolvida com base nos dados analisados por Santos (2012), Almeida (2016 e 2019), Santos e Almeida (2016), Santos, Mota e Santos (2021), que estudaram a variação em consoantes em coda silábica nas comunidades quilombolas baianas de Helvécia, Cinzento, Sapé e Alto Alegre.

Augusto Soares da SILVA (UCP Braga), Susana Cavadas Afonso (UCP Braga)

### **As construções emergentes de *se* nulo no português brasileiro**

As construções de *se* nulo caracterizam-se pela ausência do clítico e são mais frequentemente usadas no registo informal. O clítico está ausente em todos os subtipos da construção: passiva e impessoal (1), média (2), anticausativa (3) e reflexiva/recíproca (4).

- (1) eu já nem sei como Ø usa [um depilador elétrico] (C-Oral-Brasil)
- (2) pq ela já Ø lembra dos episódios que ela viu (Fóruns)
- (3) Sempre coloque coisas que podem Ø estragar com o calor na geladeira (Fóruns)
- (4) Isso não é que vão Ø largar depois daquele tempo. (Fóruns)

As construções de clítico nulo têm sido estudadas sob um ponto de vista essencialmente morfofossintático, considerando que a ausência do clítico está associada a uma mudança em andamento no português brasileiro de perda generalizada dos clíticos (Galves 2001, Cyrino 2007, Carvalho 2016).

Este estudo tem como objetivo discutir até que ponto as construções de clítico nulo correspondem também a alterações semânticas, além de morfossintáticas, investigando: i) quais os fatores que determinam a escolha das construções de clítico nulo e de clítico explícito; ii) se as construções de clítico nulo deverão ser consideradas como novas construções emergentes, conceitualmente diferenciadas das construções de clítico explícito.

Para a realização deste estudo usaram-se dados extraídos dos seguintes corpora: (i) *C-Oral-Brasil* (263.000 palavras); (ii) *Museu da Pessoa* (1.182.544 palavras); e (iii) *Fóruns* (263.772 palavras).

A análise dos dados, segundo uma perspectiva baseada no uso (*usage-based approach*), mostra que as construções de clítico nulo e explícito estão associadas a diferentes conceptualizações do evento em questão. O fator mais determinante na escolha de um dos tipos de construção é o enfoque (ou a falta dele) no momento da mudança. Assim, quando o falante focaliza o momento da mudança, a construção de clítico explícito é tipicamente produzida, o que confirma a proposta de Maldonado (1999) e Vesterinen (2011) de que a construção de clítico explícito corresponde a uma conceptualização energética de dinâmica de forças (Langacker 2008), ou seja, o centro da atenção é o momento da mudança, podendo o evento ser conceptualizado como repentino, espontâneo ou inesperado. Por outro lado, quando o falante não focaliza o momento da mudança, o evento é conceptualizado como absoluto (Langacker 2008) e a construção de clítico nulo é tipicamente produzida. As conceptualizações energética e absoluta estão linguisticamente marcadas através de vários marcadores, como, por exemplo, marcadores aspetuais, advérbios, etc. Outros fatores linguísticos determinantes são controlo no caso das construções médias e presença ou ausência de marcadores de impessoalidade no caso das construções impessoais.